

A ESTAÇÃO



As visitas inesperadas

Vinham, comiam, dormiam e não voltavam

A estação, o trem, as passagens

Despedidas, embarques, correria

Uma viagem tranquila

O carro leito podia ficar na estação



Todas as estações e aeroportos têm suas histórias de chegadas e partidas. A estação de Ourinhos tinha mais. Era o ponto de encontro entre a Sorocabana, que vinha de São Paulo, e a linha para o norte do Paraná, com promissoras oportunidades de trabalho. Famílias inteiras trocavam de trem em Ourinhos.

As visitas inesperadas

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Apareciam de vez em quando, não eram parentes e nunca mais voltavam: famílias inteiras vinham para almoçar ou jantar e minha mãe fazia aquelas paneladas de comida.

Eu tinha uns 4 ou 5 anos.

Uma vez, chegaram tarde, quase hora de eu ir para a cama: um casal e um bando de crianças, umas 3 ou 4, não me lembro direito. Falavam de um jeito meio estranho, diferente do nosso, mas a gente entendia.

Minha mãe arrumou camas, colchões pelo chão, fez janta. Todo mundo foi dormir. Para mim, tudo era festa. No outro dia, logo cedo, se despediram, agradeceram e partiram. Eu ficava eufórica com a movimentação e nem imaginava o que podia ser.

Mais tarde comecei a entender. Eram famílias que desciam na estação e esperavam baldeação, ou para o norte do Paraná, levando a esperança de um emprego, ou de volta para São Paulo, carregando sua desilusão.





Os horários dos trens não eram sincronizados.

Se chegavam de manhã, ficavam perambulando pela estação, sem comer, esperando o próximo trem. Se chegavam à noite, dormiam ali pela plataforma mesmo. Não tinham dinheiro nem para a comida, muito menos para o pernoite em uma pensão.

Meu pai, que trabalhava na Rede e eventualmente passava pela estação, não aguentava ver isso. Tinha um coração enorme. Levava migrantes para nossa casa, que se transformava em pensão solidária para pessoas de várias partes do Brasil.

Aprendi com meu pai.





A estação, o trem, as passagens

Ana Lúcia Chiaradia

- Ana Lúcia, quando vier de novo, mande comprar sua passagem de volta com antecedência.

E dava risada, o Góis, aquela simpatia. Atrás do guichê da venda de passagens na estação, sempre dava prá ver o Pirulito, uma espécie de ajudante, o Góis e o pai do Zuin. Para todo mundo era o seu Góis. Mas, para mim, que me achava quase da mesma idade que ele, era só Góis. Além disso, era meu conhecido.

Eu já morava em São Paulo. Quase sempre ia para Ourinhos junto com a Dora Preta, em uma cabine de leitos do trem de luxo. A gente comprava a passagem de primeira e a cabine (a viagem demorava até 12 horas). A cabine de volta tinha que ser comprada com muita antecedência. Ou ser amigo do Góis ou do Zuin.

Era em um saguão grande, bem no meio da estação, onde, à esquerda, ficavam os guichês. Um portão, guardado por um eficiente ferroviário, permitia entrar na plataforma de embarque. Ele picotava os bilhetes e a gente passava (durante a viagem o bilhete passava por várias picotagens, que não sei como chegava inteiro).

Quem ia só para se despedir, tinha que comprar um passe, que dava acesso à plataforma. Ou então dar a volta lá pela rua Antônio Prado e caminhar por toda a plataforma dos armazéns de carga, que continuavam com a plataforma dos passageiros.





Muita gente fazia isso, não só para se despedir de quem viajava. A estação também era um ponto de encontro, um lugar para passear. Ou para tomar umas no bar do Luizinho Contrucci. Ou até para embarcar sem pagar passagem e ficar a viagem inteira se escondendo do chefe do trem nos banheiros apertados.

A gente comprava a passagem, passava para a plataforma e ficava esperando. Em um certo momento, tocava uma espécie de campainha de despertador:

- Olha aí, já partiu!
- Partiu o quê?
- Partiu de Salto Grande.

O telégrafo avisava que o trem já tinha saído da estação anterior e a campainha era para alertar os passageiros. Tinha que ser esperto. O trem parava pouco tempo. E aquele povo embarcando com criança e mala era muito lerdo.

A gente já começava os abraços da despedida, enquanto vinham chegando aqueles vagões prateados.

- Tchau mãe! Até a volta!

Havia três horários noturnos de trem para São Paulo. Dois vinham da Alta Sorocabana e um vinha do norte do Paraná. Havia um trem diurno também, que passava por Ourinhos ali pelas 10 da manhã. De São Paulo para o interior, havia também três noturnos e um diurno.





Uma viagem tranquila

Carlos Ostronoff (Mocho)

Nos limiares de mil novecentos e antes (apud Paulo Boca), a única maneira de se ir para São Paulo era com o trem da Sorocabana.

Eram quase doze horas para percorrer coisa de quatrocentos quilômetros.

A maneira mais confortável de viajar, então, eram as cabines com leito. Era necessário comprar a passagem de primeira classe e, separadamente, a cabine com leito. Era como viajavam aqueles que não se importavam de gastar uns cascalhos a mais

Os vagões leito de um dos horários noturnos eram engatados em Ourinhos. O trem chegava de manhã, os passageiros mudavam para a primeira classe ou desembarcavam e os carros leito ficavam para limpeza, esperando a composição voltar à noite.

A dona Helena Pinchowisky, saudosa esposa do igualmente saudoso seu Manoel, o dono da loja de móveis, tendo o bilhete com cabine, achou prudente chegar antes na estação, para não perder o trem.

Sabia que o vagão leito estava no pátio e seria engatado na composição que vinha de Assis.





Perguntou se já poderia embarcar, deixaram.
Assim já poderia dormir.

Foi alojada na confortável cabine e não
demorou para entrar em alfa, em uma viagem sem
solavancos, trepidações ou apitos.

Ao levantar às oito da matina, estranhou a
paisagem e perguntou ao ferroviário que passava
martelando as rodas do trem do outro trilho:

- Moço, onde estamos?

- Aqui é Ourinhos, dona.

Ela tinha entrado no vagão errado.

